



A Santa Sé

JOÃO PAULO II

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 27 de Fevereiro de 2002

As angústias de um moribundo a alegria de um restabelecido

Queridos irmãos e irmãs,

1. A *Liturgia das Horas*, nos vários Cânticos que são postos em paralelo com os Salmos, apresenta-nos também um hino de agradecimento que tem este título: "Cântico de Ezequias, rei de Judá, quando adoeceu e foi curado da sua enfermidade" (*Is 38, 9*). Ele está inserido numa parte do livro do profeta Isaías com a característica histórico-narrativa (cf. *Is 36-39*), cujos dados realçam com algumas variantes os que são oferecidos pelo *Segundo Livro dos Reis* (cf. cap. 18-20).

Nós, agora, na esteira da Liturgia das Laudes, ouvimos e transformamos em oração, duas grandes estrofes daquele Cântico que descrevem os dois movimentos típicos das orações de agradecimento: por um lado, é recordado o pesadelo do sofrimento do qual o Senhor libertou o seu fiel e, por outro, canta-se com alegria a gratidão pela vida e pela salvação reconquistada.

O rei Ezequias, um soberano justo e amigo do profeta Isaías, tinha sido atingido por uma grave doença, que o profeta Isaías declarara mortal (cf. *Is 38, 1*). "Ezequias voltou o seu rosto para a parede e fez ao Senhor esta oração: "Senhor, lembrai-vos de que tenho andado fielmente diante de vós, de todo o coração, segundo a vossa vontade". E começou a derramar lágrimas abundantes. Então a palavra do Senhor foi dirigida a Isaías, nestes termos: "Vai e diz a Ezequias: Eis o que diz o Senhor, o Deus de teu pai David: Ouvi a tua oração e vi as tuas lágrimas; vou acrescentar à tua vida mais quinze anos"" (*Is 38, 2-5*).

2. Neste ponto brota do coração do Rei o cântico de reconhecimento. Como se disse, ele volta-se antes de tudo para o passado. Segundo a antiga concepção de Israel, a morte introduzia num

horizonte subterrâneo, chamado em hebraico *sheol*, onde a luz se apagava, a existência se atenuava e se fazia quase espectral, o tempo parava, deixava de haver esperança e, sobretudo, deixava de se ter a possibilidade de invocar e encontrar Deus no culto.

Por isso, Ezequias recorda em primeiro lugar as palavras cheias de amargura pronunciadas quando a sua vida estava deslizando em direção aos confins da morte: "Não verei mais o Senhor na terra dos vivos" (v. 11). Também o Salmista rezava assim no dia da doença: "Quando chegar a morte, ninguém se lembra de Vós; na mansão dos mortos quem vos louvará?" (*Sl* 6, 6). Ao contrário, libertado do perigo da morte, Ezequias pode recordar com vigor e com alegria: "Os vivos são os que vos louvam como eu vos louvo agora" (*Is* 38, 19).

3. O Cântico de Ezequias adquire, precisamente sobre este tema uma nova tonalidade, se for lido à luz da Páscoa. Já no Antigo Testamento se abriam grandes clareiras de luz nos Salmos, quando o orante proclamava a sua certeza de que "Vós não me entregareis à mansão dos mortos, nem deixareis que o Vosso amigo veja o sepulcro. Ensinar-me-eis o caminho da vida; na vossa presença (gozamos) a plenitude da alegria, na Vossa direita (encontraremos) as delícias eternas" (*Sl* 15, 10-11; cf. *Sl* 48 e 72). O autor do Livro da *Sabedoria*, por seu lado, jamais hesitará em afirmar que a esperança dos justos está "cheia de imortalidade" (*Sab* 3, 4), porque ele está convencido de que a experiência de comunhão com Deus vivida durante a existência terrena não será infringida. Nós permaneceremos sempre, para além da morte, apoiados e protegidos pelo Deus eterno e infinito, porque "as almas dos justos estão na mão de Deus e nenhum tormento os tocará" (*Sab* 3, 1).

Sobretudo com a morte e a ressurreição do Filho de Deus, Jesus Cristo, uma semente de eternidade é lançada à terra e feita germinar na nossa caducidade mortal, e por isso podemos repetir as palavras do Apóstolo, baseadas no Antigo Testamento: "Quando este corpo corruptível se revestir de imortalidade, então cumprir-se-á o que está escrito: "A morte foi tragada pela vitória. Onde está, ó morte, a tua vitória? Onde está, ó morte, o teu aguilhão?" (1 *Cor* 15, 54-55; cf. *Is* 25, 8; *Os*. 13, 14).

4. Mas o cântico do rei Ezequias convida-nos também a reflectir sobre a nossa fragilidade de criaturas. As imagens são sugestivas. A vida humana é descrita com o símbolo nómada da tenda: nós somos sempre peregrinos e hóspedes na terra. Recorre-se também à imagem da tela, que é tecida e que pode permanecer incompleta quando se corta o fio e o trabalho é interrompido (cf. *Is* 38, 12). Também o Salmista tem a mesma sensação: "Eis que fizestes os meus dias de uns tantos palmos, a minha existência, perante ti, é como um nada; cada um não é mais do que um sopro. Cada homem passa como uma simples sombra: é em vão que se agita" (*Sl* 38, 6-7). É necessário reencontrar a consciência dos nossos limites, saber que "a soma da nossa vida como declara ainda o Salmista é de setenta anos, os mais fortes chegam aos oitenta; mas a sua grandeza não passa de atribulação e miséria, porque eles passam depressa e nós desaparecemos" (*Sl* 89, 10).

5. No dia da doença e do sofrimento é, contudo, justo elevar a Deus a própria lamentação, como nos ensina Ezequias que, usando imagens poéticas, descreve o seu pranto como o piar da andorinha e o gemer de uma pomba (cf. *Is* 38, 14). E, mesmo se não hesita em confessar que sente Deus como um adversário, como um leão que quebra os ossos (cf v. 13), não deixa de o invocar: "Senhor, estou em agonia, confortai-me!" (v. 14).

O Senhor não permanece indiferente às lágrimas do sofredor e, mesmo por caminhos que nem sempre coincidem com os das nossas expectativas, responde, conforta e salva. É como confessa Ezequias no final, convidando todos a ter esperança, a rezar, a ter confiança, na certeza de que Deus não abandona as suas criaturas: "Senhor, salvai-me e soaremos as nossas harpas no templo do Senhor, todos os dias da nossa vida" (v. 20).

6. A tradição latina medieval conserva deste Cântico do rei Ezequias um comentário espiritual de Bernardo de Claraval, um dos místicos mais representativos do monaquismo ocidental. Trata-se do terceiro dos *Sermões vários*, em que Bernardo, aplicando à vida de cada um o drama vivido pelo soberano de Judá e, interiorizando o seu conteúdo, escreve entre outras coisas: "*Louvarei ao Senhor em todos os tempos, isto é, de manhã até à noite, como aprendi a fazer, e não como os que te louvam quando tu lhes fazes o bem, nem como os que crêem durante um certo tempo, mas no momento da tentação cedem; e como os santos, direi: Se recebemos o bem da mão de Deus, porque não devemos aceitar também o mal?... Assim estes dois momentos do dia serão um tempo de serviço a Deus, porque à noite permanecerá o pranto, e de manhã o eco da alegria. Mergulharei no sofrimento à noite a fim de poder gozar, depois, a alegria da manhã*" (*Scriptorium Claravallense, Sermo III, n. 6, Milão 2000, págs. 59-60*).

Por conseguinte, a súplica do rei é lida por São Bernardo como uma representação do cântico orante do cristão, que deve ressoar, com a mesma constância e serenidade, tanto nas trevas da noite e da provação como na luz do dia e da alegria.

Saudações

Amados peregrinos de língua portuguesa, bem hajam pela vossa presença e testemunho de amor à Igreja que esta romagem exprime. Deus acolha favoravelmente as vossas preces de peregrinos a caminho do Além, fazendo germinar e crescer, na fraqueza mortal da vossa vida, aquela semente de eternidade que nos trouxe o Filho de Deus com a sua morte e ressurreição. Sobre vós e os vossos, desça a minha Bênção.

Dirijo a minha cordial saudação aos peregrinos de língua francesa, em particular aos sacerdotes de Montréal, que vieram procurar novas forças junto do túmulo dos Apóstolos Pedro e Paulo. Que

este tempo de Quaresma vos faça progredir no caminho da santidade, na escuta da palavra de Deus e na prática quotidiana da caridade! A todos, concedo de bom grado a Bênção Apostólica.

Alegro-me por dar as boas-vindas aos visitantes de expressão inglesa, aqui presentes. Exprimo o meu encorajamento ao grupo de sacerdotes e religiosos que estão a fazer cursos de formação permanente. Para todos vós, especialmente os peregrinos da Dinamarca, Noruega, Etiópia, Eritreia, Koweit, Japão e Estados Unidos da América, invoco a graça e a paz de nosso Senhor Jesus Cristo.

Saúdo cordialmente os peregrinos da Eslováquia: de Galanta e de Smolenice e os membros da Associação "Cadeiras activas de rodas" com os acompanhantes. Irmãos e Irmãs, a Quaresma convida-nos à conversão por meio da oração, do exercício das obras de misericórdia e da escuta da Palavra de Deus.

Desejando-vos um fecundo caminho quaresmal, concedo-vos de bom grado a minha Bênção Apostólica.

Seja louvado Jesus Cristo!

Saúdo cordialmente os peregrinos de língua italiana, em particular os alunos da Escola da Polícia de Roma e o grupo UNITALSI da diocese de Porto Santa Rufina, agradecendo-lhes a sua participação neste encontro.

Saúdo-vos, depois, a vós, queridas crianças e a quantos participastes no concurso sobre o tema da paz promovido pela Junta Regional Toscana, e faço votos para que esta louvável iniciativa, que envolveu as escolas de 63 Países do mundo, faça crescer em cada um generosos propósitos de amizade e solidariedade.

Saúdo, por fim, os *jovens*, os *doentes* e os *novos casais*. Caríssimos, continuando no itinerário quaresmal, a Igreja convida-nos a seguir docilmente a acção do Espírito Santo que nos conduz pelo caminho de Cristo para Jerusalém, onde se realizará a sua missão redentora. Sabei deixar-vos formar, em cada dia, pela sua graça, a fim de que, seja no estudo, seja na doença ou na vida de família, possais experimentar a riqueza espiritual do caminho de conversão e de penitência que estamos a viver neste tempo sagrado.